

O RUMOR PODE SER UM OBJETO HISTÓRICO PARA ESTUDARMOS A ANTIGUIDADE?

CAN RUMOR BE AN HISTORICAL OBJECT TO STUDY THE ANTIQUITY?

Ygor Klain BELCHIOR¹

Resumo: Neste artigo, pretendemos abordar o “rumor” através de uma proposta multidisciplinar dialogando com as teorias da comunicação, a sociologia dos rumores e a história, com o objetivo de observá-lo como objeto histórico verificável. Para tanto, partiremos de uma discussão sobre o que são rumores, passando pela sua discussão no campo da sociologia da comunicação no intuito de provar que o rumor como evidência histórica também pode ser utilizado como um objeto para entender mecanismos sociais do passado romano. Nosso objetivo com esse exercício reflexivo é o de apresentar as bases da nossa pesquisa de doutoramento em História Social, já que esta trabalha com o tema os rumores nas guerras civis romanas (68 a 69 d.C.).

Palavras-chave: Rumor; Pesquisa histórica; Guerras civis; Roma; Propaganda militar;

Abstract: In this article, it is our purpose to study “rumor” in a multidisciplinary proposal as attached to theories of communication, sociology of rumors and history, in order to sight him as a verifiable historical object. For this pursuit, we will start on a discussion of what are rumors, passing to the discussion in the sociology of communicational area in order to prove that they can be used as an object to understand social mechanisms of the roman past. Our finally goal with this reflective exercise is to prepare the groundwork for a P.H.D research in Social History which intend to work with the rumors in the roman civil wars (68 to 69 AD).

Key words: Rumor; Historical research; Civil wars; Rome; Military propaganda;

O preâmbulo necessário: afinal, o que é um rumor e um rumor é um evento histórico?

“O rumor correu de uma só vez através das grandes cidades da Líbia”.
Virgílio. Eneida. IV, 173

O que é um rumor? Essa é uma pergunta essencial a ser feita por um estudo que se proponha a lidar com este tema. Justificamos essa nossa preocupação em apresentar esta dúvida como ponto de partida porque foi possível perceber nas recentes publicações sobre este tema, principalmente as localizadas na área da sociologia e psicologia do rumor, que grande parte dos pesquisadores partem do princípio que não existe um consenso sobre a definição deste vocábulo. Nem mesmo entre os especialistas do tema (BORDIA; DIFONZO, 2007, p. 19). No entanto, na tentativa de estabelecer

¹ Mestre em História – Doutorando – Programa de Pós-graduação em História Social - Faculdade de filosofia, letras e ciências humanas FFLCH - USP - Universidade de São Paulo. São Paulo, SP - Brasil. Professor de História Antiga da Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: ygorklain@hotmail.com

esse objeto como histórico, verificável e importante para nos indagarmos sobre as guerras civis em Roma, acreditamos que seja possível começar nossas reflexões a partir de outras perguntas diferentes daquela que deu origem ao nosso texto. Assim, é possível perguntar: Rumor é um boato? Uma lenda urbana? Uma fofoca? O rumor pode ser uma forma de discurso político ou até mesmo ser usado como uma poderosa arma política? Um rumor pode representar um acontecimento verdadeiro ou ele sempre será uma mentira que ganhou amplitudes não esperadas? O rumor é uma afirmação ou uma indagação? Além disso, é possível traçar a origem de um rumor? Ou a sua amplitude? Em suma, o que é e para o que serve um rumor?

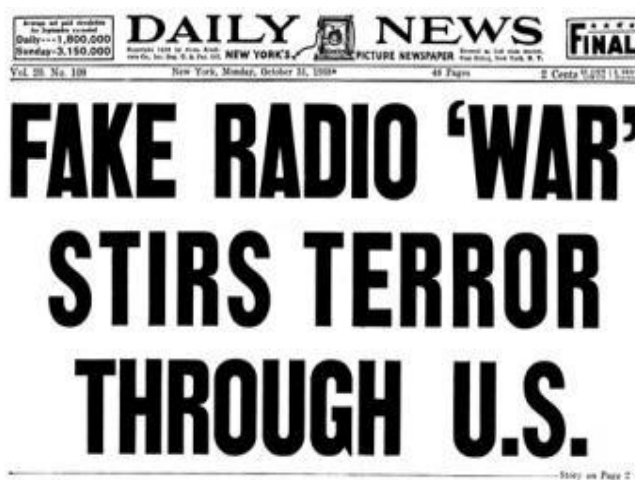
Essas questões iniciais traduzem um problema muito importante para resolvermos algo que, segundo o sociólogo americano Gary Alan Fine, pode traduzir um sentimento quase que rotulador das sociedades modernas. Afinal, para o autor, “as sociedades contemporâneas estão embebidas no rumor” (FINE, 2007, p. 5). E isso fica evidente ao atentarmos para o fato de que vivemos em contextos onde as informações são rápidas e estão cada vez mais disponíveis a todos. Além disso, em um mundo capitalista, como o nosso, onde a informação de primeira mão é considerada como um produto muito valioso, principalmente para o frágil mercado de ações, fica possível observar uma aliança quase que ingrata (pelo menos para as pessoas comuns/os consumidores) entre os rumores e a venda de certos produtos (JHALLY, 1990). Mesmo porque quem nunca se mobilizou para conseguir algo que se encontra nas “últimas unidades” ou até mesmo correu ao posto de gasolina mais próximo para não abastecer o seu carro antes mesmo de um possível futuro aumento dos preços? Ou seja, o rumor está em toda parte!

No entanto, apesar da presença bem cotidiana desse fenômeno social, é somente a partir do século XX que os rumores gerados no seio de diversas sociedades encontraram um aliado muito importante para a sua disseminação, credibilidade e para que encontrasse outros motivos que facilitassem a sua criação: uma comunicação rápida e a nível mundial (MATTELART; MATTELART, 1999). Tudo isso, impulsionou grande parte dos estudos sobre essa temática para os braços da teoria da comunicação política, da psicologia social e, principalmente, da sociologia norte-americana. Sendo, portanto, relegado de grande parte das reflexões históricas. E o motivo disso é claro! Para estes pesquisadores, as evidências comprováveis da existência e eficácia desses rumores somente são verificáveis nas sociedades modernas. Para o passado, isso seria

matéria para outro tipo de estudo que, infelizmente, para esses pesquisadores, não seria possível.

Mas, afinal, o rumor pode ser um evento histórico? Respondendo a essa pergunta podemos citar alguns eventos marcantes do mesmo século XX, tal qual trabalhado pelas pesquisas supracitadas, no intuito de demonstrar a necessidade de que também devemos pensar o rumor como um objeto de pesquisa no campo da história, principalmente da história social. Dentre esses acontecimentos, podemos destacar o dia 30 de outubro de 1938, véspera do dia das bruxas, onde o locutor da Rádio CBS (Columbia Broadcasting System) de Nova Iorque decidiu interromper a programação musical da emissora para narrar em um tom jornalístico a invasão de marcianos ao planeta terra. Essa performance artística, que contava com a credibilidade de uma narrativa exposta em uma “liturgia” e tonalidade radio jornalística, na verdade não passava de uma reinterpretação do romance “A guerra dos Mundos”, uma adaptação da novela de H. G. Wells. Composta de elementos muito realísticos, como entrevistas de autoridades e de efeitos sonoros, essa brincadeira não só funcionou como catalizador de audiência para a emissora, mas também desencadeou uma série de eventos que assustaram a população de três cidades (dentre elas Nova Jersey e Nova Iorque), totalizando um pânico de mais de 1, 2 milhões de pessoas. Este episódio ganhou notoriedade nos mais diversos veículos de informações, como o jornal “Daily News”, que no dia seguinte ao evento trouxe a seguinte manchete: “Guerra falsa no rádio espalha terror pelos Estados Unidos”. E este terror era ocasionado em grande parte pelos rumores ocasionados pela recepção da notícia, transformando uma sociedade em pânico.

Foto 1: Capa do jornal Daily News



Fonte:

<http://www.slate.com/content/dam/slate/articles/arts/histor>

Outro fato interessante e que ilustra muito bem a necessidade de pensarmos o rumor como um objeto de importância histórica ocorreu em Recife, Brasil, no ano de 1975. Neste caso específico, o rumor deflagrado foi que a represa de Tapacurá, construída pelos militares em 1973, para conter o avanço das águas na cidade de Recife, havia estourado e um grande turbilhão de água estava a caminho. Este fato, quando somado com a experiência de grandes enchentes que a cidade sempre vivenciou desde a sua ocupação pelos Holandeses, no século XVII, ocasionou um grande pânico na população. O que levou inclusive ao êxodo dos seus moradores. No entanto, apesar de nenhuma fonte oficial comprovar o acidente, o rumor se espalhou prontamente pela população recifense. Nesse ambiente de pânico que se alastrava, as pessoas passavam a ter uma certa confirmação da possível “veracidade” da tragédia vindoura. Afinal de contas, com o alarde total da população e o ambiente quase que apocalíptico de abandono de trabalho, casas e carros, já era possível até “ouvir o barulho das águas chegando” (SANTOS, 1996, p. 25). Essa eficácia também pode ser comprovada ao atentarmos para outro relato da época, sobre um diálogo entre um sargento e um popular, onde este perguntava: “Há confirmação oficial da queda da barragem?”, e o oficial respondia “não, mas se eu fosse você, corria!” (Idem, p. 20).

Foto 2: Av. Guararapes. Pânico coletivo no Recife.



Fonte:

<http://falhistoria.blogspot.com.br/2010/11/tapacura-estourou.html> (Acessado em 02/12/2014).

Em suma, esses dois episódios que acabamos de narrar possuem um papel muito ilustrativo para a nossa análise. Pois, além de ilustrarem a atuação e a eficácia de um rumor em duas localidades e temporalidades distintas, também nos apresentam algo bem mais interessante para justificarmos a importância de estudarmos esse objeto histórico em nossa temporalidade proposta. Nossa justificativa para tal abordagem é que concordamos com a noção desenvolvida Bordia e Difonzo de que devemos entender os boatos como frutos de um contexto de ambiguidade de ameaça real (BORDIA; DIFONZO, 2007, p. 19). Principalmente, se essa ameaça condiz com a memória coletiva daquela população (FINE, 2007, p. 10). No caso da invasão marciana, às vésperas de um dia das bruxas, e da ruptura da represa de Tapacurá, em uma cidade que sempre sofreu com as cheias, o que temos é realmente a memória coletiva de que aquele contexto trazido pelo boato é de ameaça à população. Além disso, deflagrado os rumores, o que podemos observar é que conforme a comunicação entre os agentes aumenta e a informação passa a atingir um número maior de ouvintes, o cenário de instabilidade fica mais forte, confirmando, assim, até mesmo a veracidade de um falso rumor. Ainda dentro deste clima de instabilidade, convém falarmos de outro contexto altamente ambíguo, de ameaças mais do que reais, onde o boato não só aparece como algo assustador, mas que também serve como uma arma política muito poderosa: o ambiente da guerra.

Nesse sentido, e ainda situados no século XX, podemos apresentar algumas informações que colhemos a respeito dos boatos no contexto da Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945).¹ E isso fica mais claro ao analisarmos algumas das propagandas feitas por governos e que eram direcionadas aos boatos e aos rumores que circulavam nesse ambiente instável e perigoso. Como exemplo, podemos também nos referir a duas propagandas envolvendo Hitler. Na primeira, é possível perceber que ele aparece sentado em fios de telefonia com a mão posicionada em seu ouvido. Esta imagem vem seguida da legenda “You never know who’s on the wires! Be careful what you say” – “Você nunca sabe quem está ‘grampeando’ sua conversa! Cuidado como o que você diz”.

Foto 3: Cartaz feito pelo governo britânico e que circulou na Inglaterra entre 1939 e 1946.



Fonte: The National Archives in London - registro INF3/232.

Já, em uma segunda imagem encontrada, o Führer aparece bem caracterizado com ouvidos imensos, como se estivesse ouvindo tudo. Este desenho é seguido da longa legenda que diz o seguinte: “Mr. Hitler wants to know. He wants to know the unit’s name; where it’s going; whence it came; ships, guns and shells all make him curious; but silence make his simply fuehrious” – “Sr. Hitler quer saber. Ele quer saber o nome da unidade, para onde está indo, de onde ela veio; navios, armas e abrigos todos o fazem curioso, mas fazer silêncio simplesmente o deixa furioso [aqui existe uma brincadeira com a palavra Führer]”.² Outros exemplos, e também ligados diretamente ao rumor, também podem ser observados, como o caso de outra propaganda de guerra onde um soldado aparece colocando uma meia na saída de som de um gramofone, que possui gravado em sua base as palavras “Service gossip” – “Serviço de fofocas” e seguido da legenda “Put a sock in it” – “Coloque uma meia nisso”.

Foto 4: Cartaz elaborado pelo cartunista Bert Thomas.

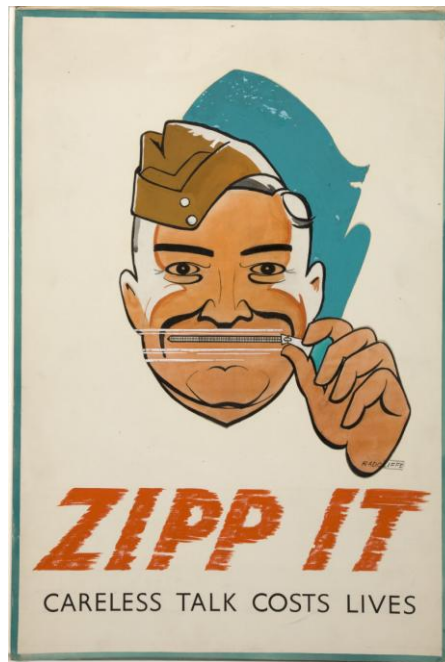


Fonte:

http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/thumb/8/8b/INF3-276_Anti-rumour_and_careless_talk_Put_a_sock_in_it%21.jpg/255px-INF3-276_Anti-rumour_and_careless_talk_Put_a_sock_in_it%21.jpg (Acessado em 02/12/2014).

Sobre essas informações, principalmente as mais dignas de filmes e romances de espionagem, podemos afirmar que é possível encontrar um substrato altamente valioso para ilustrarmos a necessidade de pensarmos o papel desse objeto histórico, os rumores, em uma guerra. As “palavras que afundam um navio”³ – “words that sank a ship” - e, principalmente, aquelas que são ouvidas por “torpedos” – “The torpedo is listening”⁴ - podem custar vidas e fomentar boatos que causarão pânico generalizado no território de uma nação. Dessa maneira, para não cair neste tipo de cilada tão típica de uma guerra, o que fica são as contramedidas: “Bata naqueles que espalham rumores” – “Punch the rumourists”⁵, “não dê atenção para os rumores” “pay no heed to rumours”⁶, ou no melhor estilo inglês “Keep calm and carry on”⁷ – “Mantenha-se calmo e siga com a vida”.

Foto 4: Cartaz elaborado pelo cartunista Radcliff.



Fonte:

http://www.nationalarchives.gov.uk/theartofwar/prop/home_front/INF3_0274.htm (Acessado em 02/12/2014).

O despecho necessário: podemos estudar um rumor (muito) antigo como objeto histórico?

“Nero não foi deposto pelas armas, mas por notícias (*nuntiis*) e rumores (*rumoribus*)”.

Tácito. Histórias. I, 89

Antes de iniciarmos essa discussão algumas perguntas sobre essa temática ainda são necessárias. Afinal, temos evidências nas fontes que possam embasar nosso estudo? Essas evidências podem tornar possível um estudo que vise medir a eficácia de um boato na antiguidade? Se sim, qual é importância desse tipo de estratégia para a sublevação de um *princeps*? E, caso exista essa possibilidade, é possível fazer uma transição de governo somente utilizando-se de boatos? Ou ainda, e talvez a questão mais importante de todas: qual é o papel desses rumores em uma guerra civil? Para responder essas perguntas e iniciarmos de vez a discussão sobre as nossas hipóteses, recorreremos ao historiador latino Tácito.

Sobre as fontes históricas que podem subsidiar nossas reflexões a respeito do ano de 69, podemos afirmar que elas foram compostas basicamente entre os séculos II e o III. Dentre as mais importantes, podemos citar as produções do gênero *historia* compostas por Tácito (*Histórias*), Dião Cássio (Livros LXIII- LXV de sua *História de*

Roma) e Flávio Josefo (*Guerras Judaicas*), além das biografias escritas por Suetônio (como a *Vida de Galba; de Otho, de Vitélio e de Vespasiano*) e por Plutarco (*Vida de Galba e de Otho*). Sobre essas diversas fontes citadas, podemos afirmar que iremos lidar com autores que, assim como Tácito e Josefo, vivenciaram o período das guerras civis de 69. Além disso, no caso de Tácito, podemos afirmar que historiador produziu suas obras logo após a resolução desses conflitos, nos legando, assim, uma narrativa muito detalhada dos acontecimentos dos anos finais do governo de Nero e das estratégias bélicas e políticas adotadas pelos mais diversos personagens que participam de sua narrativa.

Para além desse autor, outro historiador que vivenciou diretamente os malefícios das guerras civis, inclusive atuando muito próximo a Vespasiano, foi Flávio Josefo. Esse historiador judeu foi um dos comandantes da resistência judaica durante o conflito na região da Judéia e, após a derrota de suas tropas, se alia ao lado romano e ao partido do fundador da dinastia Flávia. Já, por outra via, temos o relato de um terceiro historiador, Dião Cássio, que não teve nenhuma relação com os Imperadores da primeira Dinastia e nem conflitos do ano de 69, já que seu nascimento se deu em 150, quase cem anos após a resolução dos conflitos (MILLAR, 1964). No entanto, apesar desse imenso material disponível para estudarmos o período em questão, afirmamos que nossa escolha recairá, principalmente, na obra *Histórias e Anais* de Tácito. Nossa justificativa para tal escolha pode ser ilustrada pelo fato de que o historiador vivenciou esses conflitos não só como expectador, mas também atuando politicamente, principalmente através da produção de obras dos mais diversos gêneros, mas que discutiam importantes elementos de sua época. E o mesmo vale para a obra que pretendemos analisar, as *Histórias*, que também foi composta em um período bem próximo a resolução desses conflitos e que dialoga diretamente com eles (BENNET, 2005).

Tendo em vista essa apresentação, podemos afirmar que Tácito nos legou uma narrativa muito detalhada dos acontecimentos dos anos finais do governo de Nero e das estratégias bélicas e políticas que foram trilhadas pelos agentes que vivenciaram “aquele longo é único ano” de 69 (Tac. Dial, 17). Sendo assim, e também levando em consideração não só aquilo que foi exposto anteriormente, mas grande parte das reflexões que analisamos sobre a temática dos rumores em Tácito, é notável que exista por parte do historiador latino uma preocupação especial em relatar os rumores que circularam em Roma e nos exércitos (SHATZMAN, 1974, p. 549). E isso se dava,

principalmente, porque era o seu intuito o de descrever uma atmosfera de suspeitas, fofocas e de medo, que permeiam a vida na Roma Imperial durante o principado, quando o rumor e a reputação eram sempre manipulados para servir às necessidades de um homem no poder (HARDIE, 2012).

Nas *Histórias* I, 89, podemos apontar que ele nos oferece uma passagem muito emblemática e que justifica de uma maneira muito segura a nossa tentativa de observar os boatos como um fenômeno importante a ser estudado neste contexto e nesta sociedade específica. Neste trecho em questão, no qual o autor se refere à queda de Nero, podemos perceber que ele afirma que esta se deu muito mais “pelas notícias e pelos rumores do que pelas armas” (*Nero nuntiis magis et rumoribus quam armis depulsus*). Ou seja, como podemos perceber através desse trecho supracitado, mesmo lidando com uma sociedade antiga, como a romana, o rumor e a comunicação também possuíam papel preponderante no desenvolvimento e nas mudanças em seu interior. De outra forma, e sabedores disso tanto quanto as pessoas que vivenciaram esses acontecimentos, podemos ainda atentar para o fato que esses rumores poderiam ser utilizados (e assim o foram) como armas políticas e militares importantes para a sublevação de um governante e para a desestabilização de determinados governos. Esse fato justifica, portanto, nossa tentativa de olhar para as fontes desse período e atentarmos para esses rumores como objetos históricos verificáveis.

Mas por que estudar os rumores pode contribuir para uma nova visão sobre as guerras civis romanas? No campo da historiografia, onde reside nosso maior interesse, podemos observar que nos manuais mais gerais sobre o Império Romano não é possível encontrar uma descrição mais detalhada sobre as guerras civis de 69. Como exemplo, podemos citar a contribuição de Guglielmo Ferrero, publicada em 1947, e intitulada *História romana*, que nos oferece um capítulo dedicado ao governo de Nero e a chamada quarta guerra civil. Ou seja, em sua abordagem esse período conturbado da história romana não mereceu nada mais que alguns comentários sobre as manobras militares e sobre o curto governo de cada um dos Imperadores. Já, outra contribuição geral que também merece ser lembrada é a de Bernard W. Henderson, intitulada *Civil War and Rebellion in the Roman Empire*, publicada 1908. Nessa obra extensa, Henderson se incumbiu da tarefa de reconstruir a história militar de 68/69 com o intuito de dar um “sentido” às confusas e contraditórias narrativas das fontes antigas. O resultado de tal trabalho, apesar de seus méritos, não passou da construção de uma nova narrativa altamente influenciada por conflitos de sua época, como a guerra Franco-

Prussiana (1870) e a guerra Russo-Japonesa (1904- 1905), além de ser seu interesse o de resumir os principais pontos de Tácito, Suetônio, Plutarco e Dião Cássio em uma nova tonalidade literária.

Além dessas obras gerais, podemos citar algumas contribuições que estudaram especificamente os conflitos civis de 68 e 69. Dentre elas, podemos destacar as contribuições de Peter Greenhalgh, *The Year of Four Emperors*, publicada em 1975, e a obra que consideramos como a mais influente sobre esse período, intitulada *The Long Year: A.D. 69*, de autoria de Kenneth Wellesley e publicada em 1976. Em ambas as obras, podemos observar um estudo rigoroso de uma das fontes mais importantes sobre o período: as *Histórias*, de Tácito. Greenhalgh, por exemplo, se propõe a acreditar piamente na versão oferecida pelo historiador latino, inclusive nos legando um relato muito próximo àquele que fora escrito por Tácito. Dessa maneira, realizou um trabalho com extensas notas e discussões que visavam esclarecer alguns pontos obscuros das *Histórias*, mas que nada contribuem para o desenvolvimento de um novo panorama sobre o período entre Nero e Vespasiano. Já, o segundo autor que citamos, Wellesley, além de possuir uma extensa carreira dedicada ao estudo de Tácito, atuando também como tradutor de suas obras, é um autor que se propõe a desconfiar das narrativas compostas por este historiador. Dessa maneira, nos oferece uma obra onde busca encontrar as distorções da “realidade” que foi legada pelas fontes, além de se prender em muitos detalhes sobre a topografia e as atividades militares.

Assim, diferentemente das produções que citamos anteriormente, nosso trabalho se insere em um debate bem diferente daqueles que foram realizados sobre o ano dos quatro Imperadores. Pois também pretendemos englobar um estudo sobre o poder militar, tão caro a esta historiografia, mas o faremos em junção com o estudo do papel dos rumores nesta sociedade e nesse contexto de guerra. Nossa justificativa para escolher essa data específica para realizarmos nossas reflexões pode ser apresentada da mesma maneira que fizemos anteriormente, onde nos embasamos nos ambientes propícios para a deflagração de rumores. Nesse mesmo caminho, e tendo em mente que estamos lidando com uma guerra civil, podemos atentar brevemente para alguns problemas que estavam acontecendo no Império Romano e também na cidade de Roma. Começamos com o primeiro.

Sobre a situação nas províncias romanas durante os acontecimentos do ano de 69, o historiador Tácito, em suas *Histórias*, nos fornece a narrativa mais completa desses eventos. Dentre todas as passagens onde podemos perceber a atuação dos

rumores, a exposição de um caso específico se torna essencial para ilustrarmos o ambiente construído pelas comoções de uma guerra civil. Como exemplo dessas afirmações, em *Histórias*, I, 51, Tácito diz aos seus ouvintes o motivo pelo qual as legiões da Germânia Superior e Inferior se prontificaram a marchar contra o então Imperador Galba. Segundo o historiador latino, o grande problema que impulsionava essas tropas era o fato de que elas haviam sido as principais responsáveis pela derrota da revolta de Vindex, em maio 68. Fato que, após a morte de Nero, que se seguiu logo depois, e o apoio a Galba aos gauleses, gerou certo desconforto entre os exércitos porque o lado que havia vencido a batalha, agora era tratado como derrotado. Isso fica evidente se atentarmos para o trecho em que o historiador descreve que essas legiões da Germânia acabaram se tornando motivo de chacota dos Gauleses, que os chamavam de derrotados e se gabavam das concessões feitas pelo imperador para eles (como a promessa de cidadania e de isenção de tributos).

Essas chacotas e outros boatos envolvendo a dispensa e a aniquilação de muitos oficiais das tropas da Germânia tinham origem na colônia gaulesa de *Lugdunum (sinistra ex urbe fama)*, atual Lyon, que segundo Tácito ainda apoiava os neronianos e estava insatisfeita com o governo de Galba. Esse ambiente de descontentamento, ameaça real e de ambiguidade, tal como exposto pelos teóricos discutidos anteriormente, também se constituía para o historiador latino como um *locus propício* para a deflagração e para a credibilidade nos rumores (*fide fecunda rumoribus*). E estes eram destinados para além das fronteiras do rio Reno. Ou seja, para os acampamentos das tropas da Germânia. Lugares que, segundo Tácito, eram os locais mais propícios para a criação e a disseminação de rumores, pois neles você encontrará o medo, o ódio e a convicção de que eles sabiam o seu real poder militar.

Já, na cidade de Roma, o ambiente desenhado por Tácito também não foge daquele que foi apresentado anteriormente. Afinal, a ameaça de um sítio nas redondezas da cidade e os acontecimentos internos a ela, como o assassinato de Imperadores em locais públicos, como o Fórum romano, facilitava a presença de forças de oposição que visavam provocar o pânico e desestabilizar o governo vigente através de uma guerra de palavras. Um exemplo disso pode ser observado em *Histórias*, I, 84 e 85, onde Tácito relata que começam a surgir boatos em Roma de que as mesmas tropas que haviam se rebelado contra Galba, na Germânia, agora estavam em marcha em direção à cidade de Roma. O boato em questão era que estas tropas, sempre vitoriosas e cruéis com os inimigos, poderiam acabar com a cidade de Roma e assassinar todos os seus habitantes.

Fato que gerou fortes comoções na capital. Neste clima, a crise se tornou tão grande entre as milícias urbanas, os senadores, os equestres e a população, a tal ponto que o atual Imperador, Otho, decidiu realizar um discurso público incitando a todos a defenderem um Imperador que, assim como ele, havia sido escolhido pelo Senado (*ita ex senatoribus principes nascuntur*), e não pelas tropas. Porém, mesmo com esse discurso inflamado, Otho não conseguiu acalmar o ânimo das tropas e da população cidadina, pois, segundo Tácito, a paz e a calma não voltariam a uma capital onde as pessoas andavam armadas e conviviam com a face da guerra (*facies belli*).

Esse ambiente propício gerou muitos boatos que começavam cada vez mais a circular na cidade de Roma e que, assim como vimos nos exemplos da segunda guerra mundial, também passavam a servir de subsídio para outro tipo de guerra. Esta, por sua vez, não era alimentada por gládios e por soldados, mas sim por palavras, boatos e pela busca de novas informações que pudessem desestabilizar os adversários. Como evidenciado por Tácito no final do capítulo 85 do livro primeiro quando relata que muitos soldados se disfarçavam de civis para adentrarem nas grandes casas (*per domos occulto habitu*) no intuito de observarem e relatarem as grandes manifestações de riquezas ou posições prometidas. E ambas poderiam servir de subsídio para acusações de traição contra Otho. Enfim, acreditamos que o motivo desta “espionagem” era claro. Para Tácito, eles estavam atrás de rumores que pudessem delatar os apoiadores de Vitélio (*insignis claritudo rumoribus obiecerat*). Além disso, também podemos perceber no relato taciteano que Vitélio também havia se apropriado da mesma tática. E, para isso, havia instruído alguns de seus soldados, que também estavam em Roma, para que saíssem em busca de informações sobre o tamanho do seu apoio na cidade (*Vitellianos quoque milites venisse in urbem ad studia partium noscenda plerique credebant*). Esse clima gerado acabou com a privacidade das casas e aumentou as suspeitas e o medo (*unde plena omnia suspicionum et vix secreta domuum sine formidine*).

Em suma, após esse exercício, podemos afirmar que este ambiente da guerra civil de 69 se estabelece como um *locus* privilegiado não só para a criação e a proliferação desses rumores, mas também para o estudo destes. Afinal, eles também podem ser vistos e estudados como partes integrantes das estratégias políticas e militares para a sublevação dos concorrentes ao lugar de *princeps*. Um bom rumor, neste caso, poderia gerar instabilidade dentro de uma determinada legião, minando a confiança dos soldados e até a lealdade destes, como também serviria para que os

cidadãos da capital passassem a vivenciar uma insegurança tão grande a ponto de apoiarem os exércitos que estavam a caminho de tomar e pilhar a capital.

Assim, e ultrapassando a barreira da primeira hipótese, a de que o rumor é uma ferramenta política e militar importante para uma guerra civil, é que passamos a nos concentrar em outras hipóteses que visam responder a questões sobre o nosso próximo objetivo: o poder da comunicação nessa sociedade. Afinal, esses boatos só podem adquirir certa eficácia quando encontram os meios de comunicação (isso vale também para agentes) que são tidos pelos receptores como “confiáveis” e que carregam aquelas informações que podem ter alguma utilidade para eles. Para além dessa compreensão, podemos partir também da hipótese de que existia nessa sociedade meios pelos quais a ambiguidade e o perigo eminente dentro de determinado contexto, como os acampamentos militares e a cidade de Roma, pudessem chegar a outros receptores, que não estivessem necessariamente inseridos nesse contexto anterior, mas que pudessem ser aptos a compreender essas questões a tal ponto de sintetizá-las na forma inteligível de um boato (BORDIA; DIFONZO, 2007, p. 23). Afinal, mesmo estando longe do contexto ideal para a atuação dos boatos, esses agentes propagadores e coletores de informações deveriam ser bons conhecedores daquilo que o público alvo gostaria ou não gostaria de ouvir. A guerra de palavras, desta maneira, não era exercida por fofocas aleatórias e inocentes. Ela era pensada!

Talvez essa compreensão fique mais evidente se atentarmos para passagens das fontes que ilustrem a nossa proposta de que eram necessárias algumas ferramentas para que os agentes envolvidos também pudessem compreender e interpretar esse tipo de fenômeno. Essa compreensão da qual falamos pode ser demonstrada através da análise de outra passagem das *Histórias*. No livro I, capítulos 33 e 34, no contexto de sublevação de Galba por Otho, dentro da cidade de Roma, o que podemos observar é que o atual Imperador e Pisão, seu sucessor, após ouvirem o boato de que um senador havia sido escolhido pela guarda pretoriana como *princeps* e que este usurpador teria recebido certo apoio e aderência à sua causa, prontamente se refugiaram na *domus Caesaris*. E por lá ficaram à espera de notícias que comprovassem a veracidade ou a falsidade dos eventos anunciados pela população. No entanto, ao que parece, pelo menos na narrativa Tacitena, os refugiados não receberam nenhuma notícia das tropas e nem uma comprovação de que alguém teria tentado usurpar o trono de Galba. Sem nada saber, começaram a discutir qual deles seria o escolhido para ir até as barracas dos soldados, verificar o ocorrido e, se caso algum Senador realmente tivesse tentado

sublevar o Imperador, que o enviado pudesse exercer prontamente a sua autoridade, investida pelo Senado, a fim de colocar uma conclusão nessa situação. Esse fato pensado acabou não acontecendo porque, segundo Tácito, o medo havia tomado o ânimo destas pessoas a tal ponto de não conseguirem se mexer.

Porém, com a calma voltando à cidade e com alguns populares cercando a casa do Imperador no intuito de anunciarem que tudo estava bem, Pisão passa a escutar alguns rumores incertos (*incertus rumor*) que deixam os ânimos dos fugitivos mais tranquilos. Dentre as notícias que foram gritadas de fora da residência e coletada por amigos e soldados fiéis ao Imperador, algumas diziam que o suposto Senador de quem haviam escutado falar era Otho, que ele realmente teria tentado usurpar o poder com o auxílio dos pretorianos, mas que fora prontamente assassinado no acampamento. Fato que convenceu os enclausurados de que tudo estava bem. Este rumor, portanto, foi facilmente aceito pelo Imperador e seu sucessor (*credula fama*), pois eles não tinham a capacidade de interpretá-lo da maneira que deveriam, já que o escutaram em um ambiente composto de notícias advindas de deleites e de indiferenças (*inter gaudentis et incuriosos*), mas não de certezas. A falha neste caso era clara e grotesca: em uma guerra de boatos não devemos somente saber como fazê-los, mas é imprescindível saber interpretá-los. E, para isso é preciso saber, principalmente, quem são os agentes que os trazem, como o caso dos homens de Otho, que se encontravam disfarçados como populares e faziam questão de espalhar os boatos em frente à casa do Imperador. Outra forma de combater este tipo de estratégia, que fica evidente pelo menos para o historiador latino, era a de pensar no contexto que estes rumores surgiam. E o contexto era claro! A ideia era a de tirar *princeps* e seu herdeiro para fora do palácio para que assim pudessem ser assassinados (*multi arbitrantur compositum auctumque rumorem mixtis iam Othonianis, qui ad evocandum Galbam laeta falso vulgaverint*).

Uma breve conclusão para um longo desfecho.

Em suma, o que podemos perceber nessas reflexões finais é que era preciso saber interpretar os rumores que circulavam tanto dentro como fora da cidade de Roma. E, como vimos, uma das formas de saber ler esse tipo de armadilha era observando as pessoas que estavam servindo como veículos propagadores dessas informações. Além dessa alternativa, podemos afirmar que era essencial também saber para quem o rumor era destinado, pois revelado seu principal alvo, como o Imperador

ou alguns soldados, a sua intenção poderia sofrer o mesmo processo e ser trazida à tona. Ou seja, para finalizarmos esse artigo ainda é preciso, portanto, também estabelecer procedimentos históricos pelos quais seja possível identificar os rumores, seu conteúdo, eficácia e, principalmente, para quem ele era destinado.

Desta maneira, e tendo em vista todas essas considerações iniciais, é que justificamos a necessidade de estudarmos o papel dos boatos e dos rumores em um ambiente um pouco mais distante temporalmente do século XX, mas que também representa o mesmo clima de instabilidade tão propício para a propagação destes: as guerras civis romanas. Pois, como vimos, não só é possível problematizar o papel desses elementos dentro de diferentes sociedades, mas também é possível estudarmos eles como objetos de uma pesquisa histórica. A guerra de palavras, nesse sentido, pode ser entendida como algo tão importante quanto às táticas militares e acordos entre os líderes envolvidos. Já o boato, desta maneira, também pode ser entendido como algo que pode desestabilizar uma nação, uma cidade ou até mesmo um regimento inteiro de combatentes, além de carregar em seu seio informações preciosas para que o inimigo saiba onde, como e quando atacar.

Fontes

Dio's Roman History. English translation by Earnest Cary. London: William Heinemann, 1961. (The Loeb Classical Library).

JOSEPHUS. *The Jewish war*. Translated by H. ST. J. Thackeray. University Press: Loeb Classical Library, 1927.

PLUTARCO. *Vidas de Galba e Otão*. Tradução do Grego, Introdução e Notas de José Luís Lopes Brandão. 1ª Edição. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos. 2010.

SUETONIO. *Vida dos Doze Césares*. Rio de Janeiro: Ediouro, s/d. (Coleção Universidade de Bolso).

TACITUS. *The Annals*. Translated by A.J. Woodman. Indianapolis/Cambridge: Hackett Publishing Company, 2004.

TÁCITO. *As Histórias*. Tradução de Berenice Xavier. Rio de Janeiro: Athena Editora, 1937.

TACITUS. *The Histories*. Translated by Kenneth Wellesley. London: Penguin, 1995.

VIRGÍLIO. *Eneida*. Odorico Mendes. Campinas: Ed. Unicamp, 2005.

Referências

- ALLPORT, Gordon. W; POSTMAN, Leo. *The Psychology of Rumor*. Oxford: Henry Holt, 1947.
- BENNETT, Julian. *Trajan: optimus Princeps*. London: Routledge, 1997.
- BORDIA, Prashant; DIFONZO, Nicholas. Rumor, Gossip and Urban Legends. *Diogenes*, v. 54, 2007. Disponível em: <http://dio.sagepub.com/content/54/1/19.full.pdf+html> Acesso em: 19 nov. 2013.
- FINE, Gary Alan. Rumor, Trust and Civil Society: Collective Memory and Cultures of Judgment. *Diogenes*, v. 54, 2007. Disponível em: <http://dio.sagepub.com/content/54/1/5.refs> Acesso em: 19 nov. 2013.
- HARDIE, Philip. *Rumour and Renown: Representations of 'Fama' in Western Literature*. Cambridge Classical Studies. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2012.
- JHALLY, Sut. *The Codes of Advertising: Fetishism and the Political Economy of Meaning in the Consumer Society*. London: Routledge, Chapman and Hall Inc. 1990.
- MASSIE, Allan Massie. *Nero's heirs*. Adelaide: Sceptre Australia, 2000.
- MATTELART, Armand; MATTELART, Michèle. *História das teorias da comunicação*. São Paulo: Loyola, 1999.
- MILLAR, Fergus. *Study of Cassius Dio*. Oxford: Oxford University Press, 1964.
- SANTOS, Homero Fonseca dos. *Viagem ao planeta dos boatos*. Rio de Janeiro: Record, 1996.
- SHATZMAN, Israel. Tacitean Rumours. *Latomus*. T. 33, Fasc. 3 (JUILLET-SEPTEMBRE 1974), pp. 549-578.
- WELLESLEY, Kenneth. *The year of the four emperors*. Introduction by Barbara Levick. London: Routledge, 2000.
- _____. *The long year: A. D. 69*. First Edition. Boulder: CO Westview Press, 1976.

¹ Essa cronologia se torna mais emblemática ao atentarmos para o fato de que há a fundação de uma “Escola teórica” de psicologia dos boatos nos Estados Unidos, no ano de 1947. Ou seja, apenas dois anos após a resolução dos conflitos armados.

² <http://images.fineartamerica.com/images-medium-large-5/mr-hitler-wants-to-know-war-is-hell-store.jpg> (Acessado em 03/10/2014).

³ http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/b/b9/INF3-246_Anti-rumour_and_careless_talk_Three_words_that_sank_a_ship.jpg (Acessado em 03/10/2014).

⁴ http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/9/95/INF3-233_Anti-rumour_and_careless_talk_The_torpedo_is_listening_-_careless_words_may_cost_both_lives_and_ships.jpg (Acessado em 03/10/2014).

⁵ <http://cdn.c.photoshelter.com/img-get/I0000oVIHdyFeOy4/t/200/I0000oVIHdyFeOy4.jpg> (Acessado em 03/10/2014).

⁶ http://upload.wikimedia.org/wikipedia/commons/3/3c/INF3-227_Anti-rumour_and_careless_talk_Pay_no_heed_to_rumour_-_official_news_will_be_issued_freely.jpg (Acessado em 03/10/2014).

⁷ <http://t1.gstatic.com/images?q=tbn:ANd9GcTIEXON6bXVEoitM3OGMu8GWQPpYIccdSg2K-gD1dpj5jaHs53ESw> (Acessado em 03/10/2014).